



**Entrevista:
Orlando Brito**

Paulo César Boni

Orlando Brito, hors-concurs do Prêmio Abril, é fascinado por fotografia política

Orlando Brito Abril Awards hors-concurs its fascinated to politic photography

Por: Paulo César Boni *

Depois de vencer por 11 vezes o Prêmio Abril de Fotografia, Orlando Brito passou a ser considerado *hors-concours*. De origem francesa, o termo significa, literalmente, “fora do concurso” e é utilizado para algo excepcional, que transcende as expectativas. Nesse sentido e caso, ele poderia até continuar inscrevendo fotografias suas, mas elas não estariam mais concorrendo ao prêmio, sequer seriam julgadas, apenas expostas. Em 1979, ganhou um importante prêmio internacional, o World Press Photo do Museu Van Gogh, de Amsterdã, na Holanda.

Com passagens pelos jornais *Última Hora*, *O Globo* e *Jornal do Brasil* e pela revista *Veja* tornou-se um dos mais respeitados nomes do fotojornalismo brasileiro. Fotografou de tudo, mas, desde cedo, desenvolveu um fascínio pela fotografia política. Sua primeira fotografia, aos 15 anos, foi do presidente Humberto de Alencar Castelo Branco. De lá para cá, fotografou todos os presidentes da República. “Eu gosto de fotografar o poder, sempre me fascinou ver de perto – e fotografar – os camaradas que determinam o futuro do país”, explica.

Até o momento, publicou cinco livros: *Perfil do poder* (1982), *Senhoras e senhores* (1992), *Poder, glória e solidão* (2002), *Iluminada capital* (2003) e *Corpo e alma* (2006). O próximo, *Poder, vitórias e derrotas*, já está no prelo. Dos seis livros, três são dedicados à paixão pela política (*Perfil do poder*, *Poder, glória e solidão* e *Poder, vitórias e derrotas*), um é dedicado à paixão por Brasília, cidade em que vive e se fez profissional da fotografia (*Iluminada capital*), e os outros dois à paixão pelo ser humano (*Senhoras e senhores* e *Corpo e alma*).

Atualmente, Orlando Brito dirige a sua própria agência de notícias, a O Brito News, em Brasília, onde concedeu esta entrevista.

* Doutor e pós-doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Coordenador do Curso de Especialização em Fotografia: Práxis e Discurso Fotográfico. E-mail: pcboni@sercomtel.com.br

Orlando Brito



Fotografia: acervo pessoal de Orlando Brito

Entrevista: Orlando Brito

Paulo Boni – Brito, minha intenção é focar a entrevista nas condições de trabalho dos fotógrafos durante o período do regime militar, mas vou fazer umas perguntas de contexto antes, pode ser?

Orlando Brito – Claro. Pode ficar à vontade.

Paulo Boni – Você chegou a Brasília praticamente no início da cidade e, ainda adolescente, “emplacou” uma fotografia do presidente Humberto de Alencar Castelo Branco. É isso mesmo isso?

Orlando Brito – Sim.

Paulo Boni – Sei que você estava trabalhando na sucursal do jornal *Última Hora*, mas não era fotógrafo. Então, como foi isso?

Orlando Brito – Se me permite, para facilitar seu roteiro, vou narrar como cheguei em Brasília e como fiz essa fotografia.

Paulo Boni – Fique à vontade.

Orlando Brito – Meu pai era baiano, de Jequié, no sul da Bahia, neto de portugueses. O avô de meu pai e mais dois irmãos eram artesãos restauradores em Portugal, trabalharam, inclusive, na restauração do Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa. Lá pelos idos de 1800, os três vieram para o Brasil. Um ficou em Recife, um na Bahia e o outro no Rio de Janeiro. O da Bahia ficou por lá e é daí que vem meu braço materno [avó]. Nessa época, a capital do Brasil não era mais Salvador, e sim o Rio de Janeiro. Meu pai, “seo” Antônio, a exemplo de meu avô, trabalhava com imagens, com entalhes, recuperação e restauração de pinturas. Mais ou menos em 1945, meu pai desceu para o sul, passou por São Paulo, mas acabou parando em Minas Gerais, por causa de uma menina de olhos verdes que ele conheceu em uma localidade chamada Janaúba¹, próxima a Montes Claros. Lá ele se estabeleceu e casou-se com esta linda jovem de olhos verdes, de nome Conchita.

Paulo Boni – Espanhola, naturalmente...

Orlando Brito – Não, não era espanhola, não. Ela era neta de franceses, só o nome é que era espanhol. Meu pai acabou se tornando prefeito de Janaúba e, nessa época, em meados do século passado, o governador de Minas Gerais era o Juscelino Kubitschek, político hábil, visionário, arrojado que arranjou fácil um conjunto de fãs regionais – prefeitos e vereadores – na política. Entre os admiradores de Juscelino estava o meu pai, “seo” Antônio.

Paulo Boni – Até agora, você ainda não chegou a Brasília...

Orlando Brito – Mas estou quase chegando... Eu nasci em 8 de fevereiro de 1950. Em 1955, o Juscelino foi eleito presidente da República. Imagine o fascínio de Minas Gerais por Juscelino, um sujeito charmoso, sedutor. Em 1956 ele anunciou à nação o projeto de criação de Brasília. O que faz o “seo” Antônio? Ele diz: “Para onde Juscelino for eu vou”. Disse e cumpriu. Em 1957 ele veio para Brasília trazendo eu, um menino de sete anos. Minha mãe veio depois. Aqui, tive a oportunidade de, pela primeira vez, ver um presidente da República, o Juscelino Kubitschek, no

¹ Janaúba tornou-se município em 27 de dezembro de 1948, por força da Lei Nº 336.

dia da primeira missa de Brasília. O mundo gira e o tempo passa. Em meados dos anos 60 tinha uma porção de coisas importantes acontecendo no mundo: o Mandela foi preso, o Ari Barroso morreu, os Beatles estavam explodindo, a Jovem Guarda estava aparecendo, o Brasil havia passado por uma revolução, e para mim, com 15 anos, havia chegado a hora de trabalhar. Foi então que comecei a trabalhar como contínuo na redação da sucursal do jornal *Última Hora*. Eu fazia serviços de rua e servia cafezinho para os jornalistas e burocratas da sucursal. Eu consegui esse emprego porque a gente tinha um parente, fotógrafo famoso, que trabalhava lá, o Roberto Stuckert, que é casado com uma prima minha.

Paulo Boni – O Roberto pai do Ricardo Stuckert?

Orlando Brito – Esse mesmo. Em 1965, o Roberto me levou para carregar suas bolsas de equipamentos fotográficos e servir cafezinho na redação do *Última Hora*. Fiquei servindo cafezinhos uns três meses. Foi uma maravilha, eu, um menino recém-saído das calças curtas, vendo todos os dias o Danton Jobim, o Flávio Tavares e outros gigantes do jornalismo. Até que um dia o Roberto me transferiu para o laboratório fotográfico, para aprender revelar filmes e ampliar fotografias. Foi ótimo, pois eu revelava os filmes dos grandes fotógrafos da sucursal. Aquele tempo todos os principais jornais e revistas do Brasil tinham sucursais em Brasília, e todas elas com muitos e bons fotógrafos, afinal de contas, além de centro do poder, Brasília ainda era uma novidade que a nação brasileira precisava conhecer. É natural que eu tenha me encantado com as câmeras fotográficas e aprendi fácil a manuseá-las, afinal, um menino de 16 anos aprende fácil as coisas. Vendo meu fascínio, o Roberto me deu uma Pentax X.

Paulo Boni – E foi com essa câmera que você fotografou o Castelo Branco?

Orlando Brito – A sucursal do *Última Hora* era vizinha da residência do Arcebispo de Brasília, Dom José Newton. Um belo dia, quem aparece para visitar o Dom José? Ele mesmo, o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, o presidente da República. O jornal queria cobrir a visita, mas, nesse dia, não havia nenhum fotógrafo na sucursal. Foi aí que o chefe falou: “Manda lá esse menino que ele já sabe tirar

retrato”. Esse menino foi, fez o retrato e até hoje trabalha com fotografia. Então, o primeiro retrato que eu fiz foi de um presidente da República.

Paulo Boni – Você se lembra do nome desse chefe?

Orlando Brito – Sim. Ele chamava Sérgio Marcondes.

Paulo Boni – Brito, eu alimentei essa provocação “como você se sentiu, com 15 anos de idade, fotografando um presidente da República” porque eu queria contrapor com uma fala sua atual, que pincei do seu *site*: “Você não pode cobrir um evento político sem saber o peso de cada personagem, a importância de cada fato e a relevância de cada gesto.” Hoje, você é um dos mais consagrados fotógrafos “do poder”, mas, no momento de sua primeira fotografia “do poder”, você nem se dava conta disso...

Orlando Brito – É verdade. Eu era um menino, um homem em formação, um fotógrafo em formação, ainda na “admissão” ao ginásio. Você lembra da antiga “admissão”? Eu era aluno do Colégio Dom Bosco e isso me ajudou muito porque era um colégio muito organizado. Além das aulas tradicionais de português, matemática, história, geografia, havia disciplinas e vivências sobre a organização política do país, ainda mais sendo Brasília a capital federal e, há apenas dois anos, tendo havido uma revolução, um golpe militar.

Paulo Boni – Imagino que o Colégio Dom Bosco também prezava muito pela disciplina.

Orlando Brito – Eu fui um sujeito de muita sorte, pois, nesse mesmo período, eu caí em uma redação repleta de pessoas com muita consciência sobre o que estava acontecendo no país. Mesmo muito jovem, eu tinha a plena noção de que estava começando em um ofício para o qual eu tinha que me esmerar, me preparar, dar formato àquele projeto de fotógrafo que eu era. Então, essa primeira fotografia era apenas o retrato de alguém que estava ali trabalhando, oportunizado por esse momento. A fotografia foi um sucesso, todo mundo gostou.

Paulo Boni – Ela foi publicado no *Última Hora*?

Orlando Brito – Sim, ela foi publicada no *Última Hora*. Então, vamos chamar assim, eu fui “promovido”, passei a ficar no laboratório

fotográfico só quando tinha filmes para revelar, quando não tinha nada para fazer lá, eles permitiam que eu acompanhasse os fotógrafos da sucursal no dia-a-dia. Isso foi o meu grande *start* porque eu via e acompanhava grandes nomes do jornalismo brasileiro, o Jader Neves, da revista *Manchete*, o Jean Manzon, da revista *O Cruzeiro*, o Osmar Gallo, do jornal *O Globo*, e eu “fui pegando” como era trabalhar como fotógrafo, fui compondo a minha maneira de ser, fui me educando profissionalmente. Pensava comigo mesmo: o dia em que eu for fotógrafo, não cometerei os erros desse, vou aprimorar as virtudes daquele, ou seja, fui formatando meio jeito de ser fotógrafo.

Paulo Boni – Que escola maravilhosa, hein?

Orlando Brito – Pois é! Foi um grande privilégio para mim. Convivi com nomes magníficos, inclusive o Gervásio Batista, que ainda está vivo e até hoje é um grande amigo. Enfim eu tive um privilegio muito grande. Fiquei no *Última Hora* até 1967, um ano pesado. O presidente já era o Costa e Silva. E olha que interessante: o Costa e Silva tinha uma preocupação, a de mostrar ao mundo que o Brasil era um país democrático, que aqui não tinha havido um golpe militar, que aqui não se matava índios. Então, ele convidou jornalistas estrangeiros para fazer um passeio pelo Brasil e conhecerem melhor o país, principalmente a região Norte, onde puderam visitar aldeias indígenas. O *Última Hora* me mandou acompanhar esse grupo. No meio da viagem, fiquei sabendo do fechamento da sucursal do *Última Hora*. Lá, no meio da selva, perdi o meu emprego. Eu estava em Porto Velho (RO) quando fiquei sabendo disso. Nem por telefone eu conseguia me comunicar com Brasília para saber o que fazer, pois, naquela época, interurbano era uma coisa complicada. Mas, como eu sempre digo, eu fui um homem de sorte. Um repórter do jornal *O Globo* estava acompanhando o grupo de jornalistas estrangeiros e não havia levado fotógrafo. Ele viu a minha tristeza e disse: “Menino você não quer ir de carro até Cuiabá?” Nossa! Ir de carro de Porto Velho (RO) a Cuiabá (MT) naquele tempo equivalia a ir da Terra à Lua hoje, era uma aventura, um negócio quase impossível. Nesse momento, pensei no meu passado, ponderei o presente, pois iria voltar sem emprego e sem dinheiro, e pensei

no futuro. Topei viajar com o camarada do jornal *O Globo*. Era uma estradinha de chão, levamos oito ou nove dias para chegar a Cuiabá, hoje você faz esse trajeto em horas.

Paulo Boni – Você lembra o nome desse repórter do jornal *O Globo*?

Orlando Brito – Lembro, claro. O nome dele era Leonídio Barros. No meio do caminho foram surgindo matérias e eu aprendi a entender perfeitamente bem o tipo de fotografia que o Leonídio queria para cada matéria. Quando voltamos a Brasília ele me disse: “Gostei muito de você. Você é um menino em formação eu quero te dar chance de futuro. Você quer trabalhar para *O Globo*?”. Pensei muito, primeiro porque eu só tinha 18 anos; segundo porque *O Globo* era um jornal muito mal falado naquela época.

Paulo Boni – Mal falado por que fazia apologia aos militares?

Orlando Brito – Não sei se era por isso, mas ele não era bem visto. Mas pensei “eu não tenho nada a ver com isso, sou apenas um sujeito em busca de um futuro” e topei. Fiquei 14 anos no *O Globo*. E mais uma vez a sorte foi benevolente comigo, pois encontrei um cara chamado Erno Schneider, que era o editor do jornal, um grande sujeito.

Paulo Boni – O Erno Schneider influenciou sua formação no fotojornalismo?

Orlando Brito – Eu sempre digo que eu tenho dois pais profissionais, um é o Roberto Stuckert, que me deu a primeira chance, o outro é o Erno Schneider, gaúcho tradicional, um grande fotógrafo. Ele é o autor daquela fotografia emblemática do Jânio Quadros. Aí, o que aconteceu? O Erno Schneider decidiu apostar suas fichas em três fotógrafos do jornal, um no Rio de Janeiro, chamado Anibal Philot, um em São Paulo, o Pedro Martinelli e um em Brasília, no caso, eu. O Erno começou a tratar esses fotógrafos com todo o cuidado, com toda sua capacidade de formação. Ele nos levava para o Rio de Janeiro, nos alternava, nos dava as reportagens fotográficas mais importantes. O certo é que nesses 14 anos de *O Globo* eu ganhei experiência, viajei pelo mundo inteiro, me fiz um fotógrafo respeitado, passei a gostar muito de mim profissionalmente. Depois veio

o período da *Veja*, em 1982. Saí do jornal *O Globo* e fui para a revista *Veja*. Fiquei lá por quase 20 anos.

Paulo Boni – Sempre sediado em Brasília?

Orlando Brito – A maior parte do tempo em Brasília, nas sucursais, afinal Brasília tornou-se o centro das decisões políticas do país. Nesta época, o tempo e a distância se tornaram uma caixa de fósforos para mim, me deslocava de um lugar para o outro em minutos. O dinamismo de um jornal grande como *O Globo* e a agilidade e sofisticação de uma revista importante como a *Veja* me possibilitaram trânsito e experiência. Em pouco tempo me tornei um fotógrafo experiente, jovem mas muito experiente em coberturas de futebol, questões indígenas, viagens do Papa, crimes, esportes amadores e, sobretudo, do poder. Eu gosto de fotografar o poder, sempre me fascinou ver de perto – e fotografar – os camaradas que determinam o futuro do país.

Paulo Boni – O que o fascina no poder? Estar perto – e fotografar – pessoas que podem mudar para o bem ou para o mal o futuro da nação?

Orlando Brito – Exatamente. Você usou palavras muito bacanas, mas o que eu sempre tenho em mente é que quando aquele menino saiu do laboratório para acompanhar e registrar os cenários da política, ele percebeu que havia um fosso muito grande entre o poder e a sociedade e que os jornais que existiam eram poucos para ligar uma coisa e outra. Eu tomava ônibus, pois era um menino sem muitas posses, e via uma distância muito grande entre o poder e o povo. Ao mesmo tempo, eu reparava que os fotógrafos eram muito bons, mas nem todos eles tinham um esmero refinado pelo visual, então eu botei na cabeça que um dia eu seria um fotógrafo de rigor estético e aliaria a importância da notícia com o prazer de ver as imagens.

Paulo Boni – O que, aliás, já era uma preocupação do Jean Manzon...

Orlando Brito – Pois é, o Jean Manzon foi muito importante para mim porque ele veio de fora, como conceito europeu de fotografia. O olhar europeu não era um olhar desavisado, despreparado, era um olhar culto no sentido, com muita bagagem, experiência, um conteúdo muito

grande. Eu admirava muito o trabalho do Manzon e fui compondo ali o que eu achava que deveria ser um fotógrafo de notícias, um cara que cuidava de imagens para um grande jornal ou para uma grande revista, um cara que precisava ser o responsável pela ligação – com imagens – dos fatos que aconteciam à sua frente com os leitores.

Paulo Boni – Brito, como eu disse no começo, pretendo focar a entrevista nas condições de trabalho durante o período do regime militar. Nesse sentido, no período em que trabalhou na sucursal do *Última Hora*, de 1965 a 1967, você teve problemas como pautas derrubadas, fotografias censuradas, detenção ou prisão?

Orlando Brito – Desse período, não. Mas tenho algumas histórias bacanas do período militar. No meu livro *Poder, glória e solidão*, tem uma aula de tortura. Tem um cara sendo torturado debaixo de uma árvore. Aquilo foi um episódio marcante em minha vida. *O Globo* estava fazendo testes para a edição número zero do domingo, pois, naquele tempo, o jornal não circulava aos domingos. Então, a redação começou a nos passar tarefas, a produzir matérias que não serviam para os jornais regulares dos dias de semana, mas que poderiam servir para aquele protótipo de domingo, que um dia viria a ser publicado. Assim, começamos a produzir matérias diferentes das usuais e havia um sujeito na redação de *O Globo* que tinha uma ligação muito forte com os militares e ele me levou para fazer essa matéria com um grupo (não lembro o nome do grupo) cujo lema era “a qualquer hora, em qualquer lugar, de qualquer maneira”. Imagine, então, que grupo era esse. Ficamos dois dias fotografando o treinamento desse grupo, e foi aí que fiz essa fotografia. Eu não era mais um menino desavisado, eu sabia o que estava acontecendo, sempre prestei muita atenção no mundo, eu já era um sujeito que lia as revistas de fora, que ouvia o que se dizia no Congresso, estava bem informado em relação ao que acontecia no Brasil, sabia que o país estava vivendo um momento de repressão. Então, quando voltei para a redação da sucursal de *O Globo* com aquele material pensei em não mandar os filmes para o Rio de Janeiro (naquela época você mandava os filmes por avião, não havia internet). Eu revelei os filmes e ampliei pouquíssimas fotografias em questão de minutos.

Pouco tempo depois, aquele jornalista que tinha forte ligação com os militares, bateu à porta do laboratório pedindo os filmes para mandar para o Rio de Janeiro. Ele perguntou porque eu havia revelado os filmes. Eu disse que os havia revelado porque estava em dúvida se eles tinham ficado bons ou não, arranjei um álibi e entreguei os filmes para ele, mas fiquei com duas cópias ampliadas, são as que estão no livro.

Paulo Boni – Mas as fotografias foram publicadas à época?

Orlando Brito – Não. Esse material foi para o Rio de Janeiro em uma sexta-feira. Na segunda-feira, apenas três dias depois, desembarcou em Brasília o ministro da Guerra (naquela época não era Ministério do Exército, e sim Ministério da Guerra), um general chamado Orlando Geisel². Esse general desceu aqui fulo da vida, queria saber que diabos era aquilo, como que alguém havia “aberto” os exercícios daquele grupo para um jornalista e um fotógrafo. Fui chamado lá no BGP [Batalhão da Guarda Presidencial] e só saí de lá três dias depois. Não chegaram a me bater, nem sequer me botaram em uma cela, eu fiquei lá isolado em uma sala, mas esse material nunca foi publicado. E sabe por que esse material rendeu tanta ira? Porque um mês antes o Dom Helder Câmara havia feito denúncias de tortura no Brasil. Esse tema era como um dente de leite mole na boca de uma criança, era um tema muito sensível. Então, tive sim problemas com a publicação de materiais que produzia, e não fui só eu, foram todos os fotógrafos daquela época.

Paulo Boni – Esse jornalista que mantinha ligação com os militares ainda é vivo? Você pode dizer o nome dele?

Orlando Brito – É vivo, sim, mas prefiro não dizer o nome dele. Tenho a maior pena desse cara, não deu em nada. Ele fez mal a muita gente.

² Orlando Geisel, irmão de Ernesto Geisel, era considerado um “militar linha dura”. Foi chefe do Estado-Maior das Forças Armadas entre 11 de março de 1968 e 30 de outubro de 1969, durante o governo de Costa e Silva. Ocupou o cargo de ministro do Exército de 30 de outubro de 1969 a 15 de março de 1974, durante o governo de Garrastazu Medici, quando articulou para que seu irmão fosse indicado à Presidência da República. No poder, Ernesto Geisel não o nomeou para o Ministério do Exército, como ele esperava. Orlando considerou este gesto uma ingratidão e rompeu relações com Ernesto Geisel no dia de sua posse, 15 de março de 1974. Orlando Geisel faleceu em 1979, em Brasília, aos 74 anos.

Paulo Boni – Sem problemas. Mantendo o tema, mas trocando o veículo, como foi sua passagem pela sucursal do jornal *O Globo*? Você teve problemas lá?

Orlando Brito – Não, inclusive, *O Globo* tornou-se um excelente lugar para trabalhar. O jornal mudou aquele perfil de ruim de que falei no início da entrevista. Apareceu por lá um grande jornalista, o Evandro Carlos de Andrade, que mudou o jornal radicalmente, transformou-o em um jornal competitivo, dinâmico, sobretudo bonito, com uma programação visual que valorizava as imagens, valorizava sobretudo a notícia. O Evandro, em pouco tempo, transformou um jornal de pouco respeito em um jornal bacana, um jornal de ponta.

Paulo Boni – Depois do jornal *O Globo* você foi para a revista *Veja*?

Orlando Brito – Fui para a *Veja* a convite do Pedrão [Pedro Martinelli]. Nós já havíamos ralado juntos não sei quantos anos no *O Globo* e o Pedrão, que já estava na *Veja*, cogitou a possibilidade de eu ir trabalhar com ele. Eu lembro que, em uma de nossas conversas, ele disse: “Larga o jornal e vamos para frente. O negócio agora é revista.” O Pedrão passou um ano negociando a minha saída do *O Globo* e a minha entrada na *Veja*. Eu cheguei à revista em um momento muito bom, o da abertura política que o presidente João Figueiredo estava fazendo. Eu sentia que minha passagem pelo *O Globo* estava mesmo no fim. Em 1982 eu já estava com 32 anos e cheguei à *Veja* para trabalhar com outro grande jornalista e magnífico editor, o Elio Gaspari. Esse cara contribuiu muito para que eu me tornasse o profissional que sou hoje. Ajudou-me muito a perceber o que era ser um fotojornalista. Contribuiu para que eu abrisse muito mais meu conhecimento e visão de mundo. O meu trabalho na *Veja* era pleno. Lá era outra maneira de trabalhar, você tinha mais tempo para aprimorar imagens e não precisa se prender somente ao que acontecia, você podia formular pensamentos com suas ideias, com suas fotografias.

Paulo Boni – Você continua se relacionando bem com o Pedrão?

Orlando Brito – Muito, muito bem. Eu tenho três irmãos na fotografia, o Pedro Martinelli, que é mais que um irmão, o Rogério Reis e o Evandro Teixeira. Somos muito amigos, somos como irmãos.

Paulo Boni – Para trabalhar na *Veja* você transferiu-se para São Paulo ou continuou em Brasília?

Orlando Brito – No início eu permaneci em Brasília, fiquei aqui por um longo período, mas depois o Elio [Gaspari] e o [José Roberto] Guzzo me convenceram de que eu precisava passar por São Paulo e me levaram para lá para ser editor de fotografia da revista e eu fiquei lá por dois anos. A *Veja* foi um período muito legal para mim, primeiro porque quando eu fui para a revista estava acontecendo algo novo para mim, o colorido, a cor, os *slides*, os cromos. Segundo porque, até então, eu só havia trabalhado com a produção de imagens e aí eu comecei a trabalhar com a edição de imagens, as minhas e as dos demais colegas de trabalho. Foi muito legal trabalhar com edição em uma revista bacana, grande e respeitada.

Paulo Boni – Quais foram os dois anos em que você trabalhou como editor de fotografia na *Veja*?

Orlando Brito – 1986 e 1987, logo no período pós Tancredo [Neves], início do período [José] Sarney. Só fiquei esses dois anos e voltei. Eu nunca arredei pé de Brasília, minha família sempre morou aqui. Então, fiquei indo e vindo. Eu fui com o compromisso de ficar apenas dois anos. Mas a experiência foi ótima, primeiro porque eu continuei fotografando, não precisei abandonar o fotógrafo que eu era e cair na burocracia de uma redação, segundo porque eu estava sentindo necessidade de passar pela função de editor, aprender como é que era. Foi muito enriquecedor para mim.

Paulo Boni – Quem você editou na época?

Orlando Brito – Uma porção de gente. Editei trabalhos do Carlos Namba, que hoje é dono de restaurante em Brasília.

Paulo Boni – Já tentei entrevistar o Carlos Namba, mas ele se recusa a falar de sua experiência como fotógrafo.

Orlando Brito – É, ele não fala mesmo. Parece que ele desenvolveu uma ojeriza pela profissão. Hoje é um consolidado dono de restaurante e abandonou completamente a fotografia.

Paulo Boni – Quem mais?

Orlando Brito – O [Carlos] Fenerich, o [Sérgio] Berezovsky, que hoje é diretor de redação da revista *Quatro Rodas*, mas também não fotografa mais, o Fernando Pimentel, o Antonio Ribeiro, que fui eu que levei para a *Veja*, o Antonio Milena, que é outro irmão para mim...

Paulo Boni – Então esse período como editor da *Veja* foi muito bom?

Orlando Brito – Foi, sobretudo porque passei a ter contato com as agências internacionais, o que foi muito enriquecedor. Sem o período paulista da revista *Veja* eu não seria o fotógrafo que sou hoje, nem teria me tornado o jornalista que me tornei.

Paulo Boni – Na sequência imediata você passou a ser o editor de fotografia do *Jornal do Brasil*, é isso?

Orlando Brito – Pois é. Eu acabei me tornando muito amigo de todo mundo. O Augusto Nunes foi convidado pelo Marcos Sá Correia para ser o bam-bam-bam do JB no Rio de Janeiro. O Augusto foi e me convidou para trabalhar com ele. Eu lhe disse que estava com minha vida em Brasília e estava voltando para lá, pois lá estava a minha família, os trabalhos da constituinte³ iriam começar e eu queria voltar para Brasília. Mas ele insistiu: “Vamos para o Rio, juntos vamos fazer um ótimo trabalho.” Na época, o JB era um dos mais importantes jornais do Brasil, um jornal de respeito, de credibilidade, bonito, bacana, gostoso. Quem não passasse pelo JB certamente estaria perdendo muito na vida.

Paulo Boni – E você não resistiu à tentação?

Orlando Brito – Eu pensei muito. Pensava “como posso recusar um convite para ser o editor de fotografia do *Jornal do Brasil*?” Fui! No dia em que cheguei ao JB, o Augusto Nunes estava limpando as gavetas. Ele havia aceitado um convite para trabalhar no *Estadão* e estava indo para São Paulo. Eu fiquei no JB, com Marcos de Sá Correia e o Roberto

³ O entrevistado refere-se à Assembleia Nacional Constituinte de 1987/1988, instalada em 1º de fevereiro de 1987, com a finalidade de elaborar uma nova Constituição para o Brasil. Os trabalhos foram encerrados em 2 de setembro de 1988, após a votação e aprovação do texto final. A nova Constituição, conhecida como Constituição Democrática, em razão dos 21 anos de governo pelos militares (1964-1985), foi promulgada em 5 de outubro de 1988.

de Pompeu Toledo, com os quais eu já havia trabalhado na *Veja*. Acabei ficando no JB por quase dois anos.

Paulo Boni – Quando e por que saiu?

Orlando Brito – Saí em 1989. Um belo dia eu estava lá no aquário [as seções de trabalhos eram delimitadas por divisórias de vidro, daí o nome “aquário”] da editoria de fotografia e um velho conhecido bateu no vidro, um sujeito enorme, que eu havia conhecido em Brasília, quando ele era foca na sucursal do *Jornal do Brasil*. Nessa época eu também era foca na sucursal do jornal *O Globo* e nós trabalhamos juntos em diversas coberturas, cobrimos muito para a editoria de polícia. Depois, ele foi eleito deputado federal, depois governador de Alagoas e, agora, candidato a presidente da República, era o Fernando Collor. “Rapaz, o que você está fazendo aqui?”, perguntei-lhe. Ele me disse: “Sou candidato a presidente, e vou ganhar.” Na hora eu emudeci, fiquei pasmo. Mas comecei a pensar que conhecia muito bem esse camarada, pois havia trabalhado com ele quando éramos focas, na juventude, depois eu o havia fotografado quando ele foi deputado e, depois, quando ele foi governador de Alagoas.

Paulo Boni – E aí...

Orlando Brito – Quando eu saí da *Veja*, em 1987, para assumir a editoria do JB, o Elio [Gaspari] e o [José Roberto] Guzzo disseram que quando eu quisesse voltar as portas estariam abertas. Então eu pensei comigo mesmo “esse cara vai ganhar” e comecei a negociar o meu retorno à *Veja*.

Paulo Boni – Desculpa, Brito, mas não entendi bem o que o Fernando Collor tem a ver com a sua mudança de trabalho?

Orlando Brito – Já explico. Mas, primeiro quero dizer que trabalhar no *Jornal do Brasil* foi uma experiência magnífica para mim, afinal eu chefiava uma equipe de 64 fotógrafos em um jornal moderno, bem concebido esteticamente, liberal. Pena que, anos mais tarde, o JB entrou em uma grave crise financeira que culminou com o fim de sua versão impressa. Bom, voltando ao que você perguntou. A mudança de emprego foi estratégica porque eu voltei para a *Veja*, mas também voltei para Brasília. Agora, eu não era mais editor, era um fotógrafo com a missão de

cobrir uma campanha presidencial. Minha cabeça era um turbilhão de lembranças e oportunidades, eu senti que aquele seria um momento muito importante para a história do país.

Paulo Boni – Afinal, seria a primeira eleição depois de mais de duas décadas...

Orlando Brito – Então, imagine o que isso significava para mim. Eu que havia feito a cobertura de todos os presidentes militares, o Castelo Branco, o Costa e Silva, a Junta Militar, o Garrastazu Medici, o Ernesto Geisel, o João Figueiredo. Eu estive no *front* de todos os acontecimentos históricos desse período, a repressão, a anistia, o “abaixo a ditadura”, a campanha das “Diretas já”, a Constituinte... Cara, eu tinha retratado isso tudo e agora tinha a oportunidade de fotografar a primeira eleição direta para presidente da República em mais de 20 anos. Nossa, era algo muito forte. Eu que cresci fotografando milicos e tanques nas ruas agora iria subir em palanques democráticos da maior eleição da história do Brasil, uma eleição que tinha cerca de 20 candidatos. Isso, para mim, era fascinante. Então eu voltei para a *Veja*, voltei para cobrir a campanha presidencial. Eu cobri todos os candidatos, mas quando a campanha afunilou, a *Veja* me destacou para cobrir exclusivamente o candidato Fernando Collor. E destacou o Antonio Ribeiro para cobrir o candidato Lula. Aí eu passei a viajar com o Fernando Collor, passei seis meses viajando lado-a-lado ao seu *staff* em seu jatinho. Essa cobertura foi uma tremenda experiência jornalística, pois, desde 1960, o país não via uma eleição, desde o Jânio Quadros não havia eleição para presidente no Brasil. Então eu via aquele sujeito enorme, com um vigor extraordinário, formatando uma campanha eleitoral. Para mim – e para muita gente no Brasil, acredito – tudo novidade: as peças publicitárias, as estratégias de marketing, a música na campanha, os *jingles*, como eram os palanques, como era o próprio Fernando Collor dando formato a um comício, a maneira dele falar, onde ficava a luz, o que era uma carreata, o que era uma passeata, uma caminhada, era um mundo inesgotável de imagens.

Paulo Boni – Dá para dizer que os métodos do Fernando Collor foi uma inovação da política?

Orlando Brito – Eu acho que o Fernando Collor, sem nenhum juízo ideológico, ditou o formato das eleições diretas no Brasil. Foi ele que inventou esse negócio de marketing eleitoral no Brasil. Ele introduziu, por exemplo, a carreata, coisa que não existia, botou cantores nos comícios e criou os showmícios. Se você esquecer o lado ideológico partidário e parar para analisar friamente o cenário, é inegável que foi o Fernando Collor que formatou a eleição. Mas vamos pôr esse assunto em uma gaveta e deixá-lo lá, pois eu não sou muito bom com as palavras. Aliás, se eu soubesse narrar a história com palavras eu não seria fotógrafo.

Paulo Boni – Sou obrigado a discordar um pouco, pois você escreve sobre suas fotografias em seu *site* (www.orlandobrito.com.br), contando um pouco do processo de tomada de cada fotografia, as dificuldades, o que aquela fotografia representou para você e para a história do Brasil. Eu gosto disso, pois os fotógrafos preferem se expressar pelas imagens, mas eu acho legal os fotógrafos falarem de suas fotografias.

Orlando Brito – Pois é, desde que criei a série chamada *Com a palavra a fotografia*, tenho escrito sobre minhas fotografias. Existe uma máxima que diz que uma imagem vale mais que mil palavras, mas eu sou inteiramente contra essa frase porque, para mim, a leitura de uma fotografia depende da imagem e de palavras. E depois eu acho que você não pode manter a história de uma fotografia, de seu processo de produção, dentro de um cofre trancado a sete chaves. O mundo modernizou-se, a comunicação popularizou-se, estamos na era da informática, da internet, do *online*. Não tem mais que ficar com mistérios a respeito de algo, muito menos no meu ofício. Eu preciso manter uma interlocução com quem me vê, com quem vê minhas fotografias, não quero que uma fotografia minha morra nela mesma. Então, não me custa dizer como foi, se uma fotografia foi resultado do acaso ou produto de uma construção. Eu não tenho o menor problema com isso, não tenho o menor problema em falar das fotografias que eu fiz, pois a fotografia é um produto de clareza, de comunicação.

Paulo Boni – Em nenhuma ocasião, para você, uma imagem valeu mais que mil palavras?

Orlando Brito – Não sei. Isso é muito difícil de mensurar. Um dia desses eu estava vendo um documentário sobre guerra na televisão, estava vendo um sujeito que lançou uma bomba contra um templo religioso em um cenário de guerra e tinha uma câmera na ponta do nariz da bomba. Na sua casa, você, um cidadão, um ser humano, está junto com a bomba, a bordo da miséria, da desgraça. A bomba está indo em direção ao alvo e você está indo junto, perto do alvo, e de repente aquilo tudo saí do ar e aí corta para outra câmera. Ninguém pode desconsiderar isso, ninguém vive sem imagens. Eu só fiz uma coisa na minha vida, que foi trabalhar com imagens, então a imagem para mim, realmente, é tudo e não me furto em nenhum momento de falar sobre nenhuma imagem, sobretudo as que eu fiz.

Paulo Boni – Você é um profissional respeitado, o seu trabalho o torna um dos maiores fotógrafos brasileiros contemporâneos. Você considera que a sociedade brasileira lhe retribuiu na mesma proporção todo o acervo documental produzido e disponibilizado para que ela pudesse recuperar e preservar sua história? Ou você se considera um injustiçado?

Orlando Brito – Primeiro, eu nem sabia que existia essa imagem social a meu respeito. Sinceramente, não sabia e nem pensava nisso. Cada um tem um papel na sociedade. O goleiro tem o papel de defender o gol, o técnico de orientar o time, o atacante de fazer o gol, o comandante do navio de fazê-lo chegar a um porto seguro, o meu papel é o de fazer a ligação do que acontece com quem está longe do que está acontecendo. Entre os meus amores está o leitor, o outro, o próximo, quero dizer, eu me sinto na obrigação de repassar o que vi para as pessoas que estão distantes. Em um determinado momento da minha vida eu percebi que não estava mais simplesmente fazendo jornalismo, não estava mais fotografando para revista de segunda-feira, ou para o jornal do dia seguinte, ou para o *blog* de daqui uma hora, estava fotografando para história. Isso é o que me enche de gás. Não é à toa que estou com mais um livro no prelo, cujo título será *Poder, vitórias e derrotas*, com muito do que eu vi de Castelo Branco a Dilma Rousseff, os altos e baixos do poder, sempre com a minha profissão pendurada no pescoço, nunca deixei de ter minha profissão

pendurada no pescoço, pertinho do meu peito, observando cada lance, a importância de cada personagem.

Paulo Boni – Poético, gostei da devoção com que fala de sua profissão.

Orlando Brito – Então, tenho a maior devoção pelo que faço, isso é muito verdadeiro. O objetivo do fiel é ir para o céu, o meu é fazer uma fotografia que represente aquele momento, o que aquilo quis dizer, registrar fatos para mostrá-los a um sujeito que esteja distante, isso é o que me dá a maior satisfação no mundo. Um dia desses eu estava em um avião e tinha saído mais uma capa da *Veja* com uma fotografia minha, ao meu lado estava um sujeito admirando a capa da revista e eu permaneci ali, anônimo, vendo a satisfação dele em ver aquela imagem. Nada substitui esse prazer. Não sei se outros colegas de profissão sentem essa satisfação, mas eu sinto, e gosto.

Paulo Boni – Sempre trabalhando com o poder, em algum momento, para o bem ou para o mal, você se envolveu emocionalmente com alguma figura política? Ou o distanciamento profissional sempre falou mais alto?

Orlando Brito – Eu sou um cara de coração muito grande. Eu vim aqui para ser um sujeito bacana, interagir e me relacionar bem com todas as pessoas. Isso para mim é importantíssimo, pois, além de ser pacífico, eu entendo jornalismo dessa forma, ainda mais o jornalismo de poder, no qual você precisa ter uma vasta agenda de fontes. Em Brasília, mais do que em qualquer outro lugar, um fotógrafo precisa ter fontes, então você tem que se relacionar com senador, com coronel, com deputado, com a secretária, isso faz parte do exercício da profissão. Eu não posso produzir material de credibilidade se não for isento. Fotografias não têm culpa. Eu não tenho culpa se o presidente está feio, no caso a presidente, o problema não é meu é dela, mas eu não posso chegar no Palácio do Planalto e dizer “hoje eu vou fazer uma fotografia da presidente Dilma Rousseff feia”. E se ela estiver bonita o tempo todo? O camarada não pode falar “hoje eu vou fotografar o Neymar fazendo dois gols”. E se ele não marcar gol nenhum? O que eu quero dizer com isso?

Simplesmente que a fotografia não determina nada, ela é apenas decorrência de alguma coisa e não há como você torcer distorcer com imagens um episódio. E se houver eu estou fora disso, o meu trabalho está aí para mostrar o que eu estou falando.

Paulo Boni – Você acredita que, pelo fato de haver trabalhado na campanha do Aécio Neves, terá dificuldades para fotografar a presidente Dilma Rousseff?

Orlando Brito – Não. Olha, eu deixei a redação de um jornal para abrir uma agência. Hoje, eu sou um empresário, tenho impostos, salários e tributos para pagar todos os meses. O que fiz foi um trabalho, o cliente contratou meu trabalho para divulgar o produto dele, que era uma campanha política. Se alguém de outro partido quiser contratar o meu trabalho eu o farei com a mesma seriedade e fidelidade que o trabalho requer. É evidente que em um trabalho como esse você não pode produzir imagens ruins, negativas do candidato. Agora, quanto a ter dificuldades com o PT, não creio que isso aconteça. É impossível que as pessoas que tenham o comando desse processo não compreendam que um sujeito como eu não produz ideologia, produz imagens. Eu produzo o que a realidade me oferece para fotografar. Não creio que alguém seja tão pequeno a esse ponto. E se for, por favor, não pense assim, que é uma perda de tempo.

Paulo Boni – Brito, para encerrar, quero fazer uma provocação. No início da entrevista você disse que o Roberto Stuckert, pai do Ricardo Stuckert, foi um de seus “pais” fotográficos, certo?

Orlando Brito – Certo.

Paulo Boni – Na última campanha para a Presidência da República você e o Ricardo Stuckert estiveram em palanques opostos...

Orlando Brito – Quando o Ricardo nasceu eu morava na casa de seu pai, o Roberto. Então, foi eu quem foi comprar a primeira mamadeira desse menino. A família Stuckert é notável e notória, repleta de fotógrafos, gente que gosta de fotografia, como é o meu caso. Quando o Ricardo era garoto ele saía comigo, eu ensinava para ele o que era o diafragma, o que era foco, o que era o obturador, quais eram as melhores câmeras, eu

levava o Ricardo para trabalhar. Para onde eu ia eu o levava, inclusive na *Veja*. Quando eu fui trabalhar na *Caras*...

Paulo Boni – Eu nem sabia que você havia trabalhado na *Caras*...

Orlando Brito – Trabalhei. Eu trabalhei na *Caras*. Eu saí da Abril e fui para aquele grupo que inventou a *Caras* e isso foi importante pra mim. A *Caras* chegou para preencher uma lacuna que existia na imprensa brasileira. A revista era um mundo novo, cheia de imagens. Mas eu fiz apenas duas ou três matérias, pois eu não sabia fotografar para a *Caras*, aqueles *flashes*, o conceito de celebridade. A gente precisa conhecer a gênese de uma revista para trabalhar para ela, e eu não conhecia. A *Caras* chegou para revolucionar o mercado editorial brasileiro e revolucionou, todo mundo hoje é um pouco *Caras*. A *Folha de S. Paulo* é um pouco *Caras*, a *Veja* meio que virou *Caras*, a TV Globo. A *Caras* mexeu com toda a mídia brasileira, inseriu este nicho celebridades – a espuma – e todos os jornais deixaram de ser um pouco sabão. Então, o Ricardo foi trabalhar comigo na *Caras*, depois eu o levei comigo para fotografar a campanha do Fernando Henrique Cardoso...

Paulo Boni – E como vocês foram parar em palanques opostos?

Orlando Brito – Coisas da vida, da profissão. O destino o levou para outro caminho. O Ricardo é um ótimo profissional, é um sujeito que produz fotografias importantes para vida dele. O fato de hoje trabalharmos em palanques opostos é uma questão muito complexa. Discuti-la seria entrarmos em um buraco no qual eu não quero entrar.

Paulo Boni – Brito, muito obrigado pela entrevista, espero que me perdoe pelas provocações e parabéns pelo seu trabalho e pelo novo livro que está no prelo.

Orlando Brito – Fique tranquilo. Você faz o seu trabalho e eu faço o meu, assim é a vida. Muito obrigado.